

## ARTIGO DE OPINIÃO

### INMA em tempo presente

Ennio Candotti\*

“Completar a documentação da flora do ES por volta do ano 2020 de acordo com as metas da Convenção da Diversidade Biológica e a Estratégia Global para a Conservação das Plantas (CBD 2010) representa um grande desafio. São notórias as lacunas geográficas nas coleções de plantas...Explorar estas áreas de baixa amostragem é de importância estratégica...realizar inventários regionais é muito recomendado para melhorar a qualidade do conhecimento... da Flora do Brasil”, escrevem Valquiria F. Dutra Anderson A. Araujo e Tatiana T. Carrijo, em *Rodriguesia* 66(4): 1145-52. 2015.

Os artigos dessa mesma, histórica, *Rodriguesia* 66(4) e o epílogo assinado por D.Zappi, R.C.Sforzza, V.C.Souza, V. F.Mansano e M.P.Morim indicam preocupações e desafios semelhantes. Todos concordam, foram feitos passos importantes no Inventário da Flora do Brasil mas há ainda muito por fazer, tanto na Floresta Atlântica (quem inventou a ‘mata’?) como na Floresta Amazônica, as duas grandes campeãs da biodiversidade do Planeta.

O mesmo valeria dizer para as sementes. Pergunto: como é possível que ainda não tenhamos um Banco de Sementes da Floresta Atlântica de porte Atlântico e um Banco de Sementes da Floresta Amazônica de porte Amazônico?

Bancos e inventários são instrumentos imprescindíveis para a efetiva realização

---

<sup>1</sup> Ennio Candotti, desde 2009, é Diretor Geral do Museu da Amazônia – MUSA, com sede em Manaus. Foi Secretário Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência no Rio de Janeiro entre 1977 e 1981. Em 1998 compartilhou com a Sra Regina Paz Lopes o prêmio Kalinga de popularização da Ciência concedido pela UNESCO com o patrocínio da Fundação Kalinga de Bhubaneswar, Orissa, Índia. Foi Presidente da SBPC nos períodos de 1989 a 1991; 1991 a 1993; 2003 a 2005 e 2005 a 2007. Em 2002 fundou com cientistas e comunicadores indianos e de outros países a International Union of Scientific Communicators, Associação com sede em Mumbai da qual é presidente. Foi membro do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, CCT nos períodos de 2003 a 2007 e de 2011 a 2015.

de programas de conservação e recuperação de áreas degradadas, conforme compromissos de Governo em foros internacionais.

A catástrofe de Mariana poderia ter sido evitada se existisse um Instituto da Floresta Atlântica equipado para monitorar a biodiversidade, os ambientes e os ecossistemas, os potenciais focos de fragilidade sócioambiental (barragens, encostas, mananciais etc). Os desastres são filhos da fragmentação do monitoramento e controle. Cabe aos Institutos recuperar o todo na soma das partes.

A criação do Instituto Nacional da Mata Atlântica, INMA, (poderia ter sido Instituto Nacional da Floresta Atlântica) lança alguma claridade em tempos de névoa persistente. Foram necessários vinte anos de pacientes negociações para que o desafio de conhecer e monitorar a biodiversidade e os ambientes da Floresta Atlântica ganhassem os instrumentos legais necessários para realizar o programa que Ruschi e Mello Leitão imaginaram com lucidez nos anos 60.

O antigo Museu Mello Leitão no MCTIC reencontra finalmente sua história e família, um lugar natural, junto com INPA, Mamirauá, Goeldi, Instituto do Pantanal, do Semiárido etc.

Lembro de um encontro no Mello Leitão em 1997 em que vendo muitos jovens, na plateia, bem na minha frente, sugeri que devíamos começar a prepará-los para que, crescendo sem perder a curiosidade, pudessem assumir o comando do Instituto Museu.

Hoje, já devem estar prontos para assumir o novo desafio: avançar sem perder a memória. Construir o INMA. Deverão conservar, sem olhar para trás, o Museu Melo Leitão, sua história e coleções. Sem memória não há ciência. Mas cuidado, a história é como a Medusa do mito grego de Perseu, ela paralisa quem se atreve a olhá-la diretamente. Perseu a venceu porque olhou a sua imagem espelhada no escudo polido. A olhou, através de um instrumento que o fazer humano lhe forneceu.

O INMA é um projeto generoso, de grandes dimensões científicas e sociais. Deve ser pensado com a visão Atlântica da Floresta, seus ambientes e gentes que a habitam. Ele deverá reunir uma grande família de projetos e atores: Centros de coleta e classificação das espécies botânicas, de monitoramento da biodiversidade, um Jardim Botânico, um Banco de Sementes, ampliar o Herbário, proteger os Beija-flores e as Borboletas, construir uma torre para a observação

das aves, subsidiar a pesquisa nas áreas protegidas e (mais complexo) criar um departamento de monitoramento sócioambiental e prevenção de catástrofes (Mariana mostra que é imperativo). E, para enfrentar os desafios da história e evitar seu olhar petrificante, precisaremos de Laboratórios de Arqueologia e Antropologia, habituados em decifrar enigmas.

Devemos pensar também em criar um MUFA, o Museu da Floresta Atlântica, um museu na própria Floresta, em uma área de Floresta primária, próxima à Sta. Teresa. Nela recortar trilhas que permitam a visitação do público, de curiosos, estudantes e pesquisadores. De modo semelhante à trilhas do MUSA que estamos pacientemente tecendo na Reserva Ducke em Manaus.

Um museu em que as ‘peças’ e ‘coleções’ exibidas aos visitantes nas trilhas, sejam as próprias árvores, plantas, cipós e flores, lá onde nasceram e cresceram, os pássaros, os insetos, macacos, antas e preguiças que lá vivem. Há atores que esperam exibir suas virtudes, Monas Lisas aguardando admiradores e eruditos comentaristas.

Afinal, na Europa e nos USA encontramos museus que dedicam grandes espaços, climatizados, à Floresta Amazônica ou à Atlântica. Valorizam cada árvore, que tratam com carinho e paciência. Para ver de perto uma Sumauma ou um pé de Pau-Brasil os visitantes daqueles museus aguardam pacientemente em longas filas.

Estou convencido que a devastação que ameaça os biomas brasileiros somente poderá ser contida se conseguirmos convencer nossa sociedade que as plantas, a biodiversidade e a história humana a elas associadas têm imenso valor econômico social e cultural, e que nossa vida na terra depende tanto delas como de nós próprios. Popularizar o valor da floresta é a missão dos MUFA e MUSA, JB's e seus beija flores.

Outra idéia que o INMA pode abraçar é criar um Centro de Estudos da Biodiversidade da Floresta Atlântica onde, todos os meses ou semanas, se realizariam cursos, workshops, conferências especializadas em biodiversidade, fauna, flora arqueologia, da Floresta Atlântica. Um centro semelhante, funciona associado ao Instituto de Física da UNESP, o SAIFR ( South American Institute for Fundamental Research) onde ao longo de todo o ano ocorrem cursos e conferências organizados por comitês internacionais de cientistas do mundo todo. Um bom exemplo que certamente será seguido por outros Institutos: do Cerrado, do Pantanal, do Semiárido, das Águas e pelo Musa na Amazônia.

O INMA é um instrumento inspirador. Ele permite que as sementes plantadas por Ruschi e Mello Leitão, germinem e se multipliquem e que a ciência contribua para a prosperidade da cidade de Santa Teresa, do Espírito Santo e do País.

O INMA aguardou vinte anos para nascer, longa gestação em que Santa Teresa também cresceu. Hoje é uma cidade que multiplica suas iniciativas, organiza festivais de teatro, de cinema, de gastronomia internacional, domina a arte da pasta e do biscoito, e, importante, sabe fazer um bom café. Conheci na Itália uma cidade assim: Spoleto, da rede de “slow cities” onde tudo ocorre em seu tempo próprio. Em tempos de catástrofes convém pensar em utopias.

Elas nos falam da germinação e do tempo presente.